

ARTIGO 4

**MESSIAS, MESSIANISMO E PROFECIA MESSIÂNICA:
RELEMBRANDO ALGUNS CONCEITOS NA
CONTRAMÃO DA “COMUM” CONSIDERAÇÃO**

Adriano Lazarini Souza dos SANTOS*

RESUMO: O messianismo constitui-se como o horizonte hermenêutico central da Sagrada Escritura. A esperança pelo envio do Salvador divino enquanto definitiva intervenção de Deus no âmago da história é uma nota característica perceptível da primeira à última página da Bíblia. O presente artigo tem por objetivo investigar a noção de Messias/Messianismo na perspectiva bíblica e extrabíblica, procurando apresentar algumas explicitações destes conceitos. Primeiramente, será feita uma análise etimológica, semiológica e teológica do conceito. Em seguida, serão levantados argumentos que justifiquem a centralidade do messianismo na Sagrada Escritura. Em terceiro lugar, apontaremos os principais textos referentes aos Messias na Bíblia. Em paralelo, será ainda analisada a questão da existência do messianismo na literatura

* Presbítero e Mestrando na área de Exegese e Teologia Bíblica do Programa de Pós-Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Email: adrianolazarini@priest.com ou adrianoadrn@gmail.com

extrabíblica e, por fim, esboçaremos um tópico a respeito de profecia messiânica.

PALAVRAS-CHAVE: Messianismo; Sagrada Escritura; Salvador; Messias; Profecia Expositiva.

INTRODUÇÃO

O messianismo é uma temática que na atualidade não possui uma biblioteca exaustiva. A disparidade de pontos de vista em relação às minúcias que envolvem este tema dificilmente gera consenso entre os exegetas e sistemáticos. A pesquisa crítica moderna ao reagir contra a leitura apologética e teológica, centrando-se mais numa leitura política, econômica e social do fenômeno, exagerou de tal forma a desembocar em representações vazias e impessoais, fator que ocasionou certa indiferença pelo messianismo (LACOSTE, 2004, p. 1124).

Entre os pontos mais debatidos, pode-se mencionar, em primeiro lugar: o que se entende por messianismo? É a doutrina sobre uma pessoa, uma situação, um mundo novo? Outra questão: o que se entende por Messias? É uma figura meramente política ou um personagem escatológico? “Tendo

em conta os textos da literatura apócrifa, Qumran, Novo Testamento, chega-se à conclusão de que em Israel não existiu um conceito único de Messias” (SICRE, 2000, p. 17)¹. Quando começou a esperança messiânica? Que valor o messianismo recebe do Antigo Testamento? O Messias é uma figura da realidade ou é um personagem escatológico? São outras perguntas pertinentes às quais tentar-se-á esboçar algumas respostas.

1. ANÁLISE ETIMOLÓGICA, SEMIOLÓGICA E TEOLÓGICA

A palavra *mashiah*, que se tornou substantivo próprio, é derivada do verbo *mashah* que, em geral, designa o ato de ungir, espalhar um líquido com a mão. “O verbo *mashah* e seus derivados² ocorrem cerca de 140 vezes. É mais frequente no Pentateuco e nos Livros Históricos; nos profetas é encontrado

¹ Walther Eichrodt destaca a necessidade da elaboração de uma crítica, em relação à questão messiânica, que consiga conjugar a dimensão temporal com a esperança numa consumação ao final da história. Segundo o autor, a confissão neotestamentária de Jesus como o Messias as une. (EICHRODT, 1975. p. 448).

² Derivados: *mishá* (óleo de unção); *moshá* (porção); *mashiah* (aquele que é ungido); *mimshah* (expansão). (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998. p. 884).

apenas duas vezes com a conotação religiosa de unção sagrada (Is 61,1; Dn 9,24)” (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.884). “O uso mais comum de *mashah* é expressar a ideia de unção, que é feita pelo derramamento ou aspensão de óleo sobre objetos ou pessoas. Esse ato de derramar óleo tem profundo significado no Velho Testamento” (GRONINGEN, 1995, p.17).

No uso religioso, *mashah*³ significava a unção com óleo a ser feita no tabernáculo, altar ou bacia (Ex 40, 9-11) ou também a oferta em expiação do pecado (Ex 29,36). Remetia igualmente ao ato de investidura cerimonial de cargos de liderança. As menções mais usuais de *mashah* são as unções de Saul e Davi como reis (2 Sm 12,7). Há também referências às unções do sumo sacerdote (Ex 29,7; Nm 35,25), de outros sacerdotes (Ex 30,30) e de um profeta (1 Rs 19,16; Is 61,1) (cf. HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 884).

³ O verbo *mashah* aparece no Pentateuco 29 vezes, sempre em contexto do culto, nos Profetas Anteriores 25 vezes, remetendo-se à unção de reis (1 Sm 10,1), cinco vezes nos Profetas Posteriores com referenciais diversos, duas vezes nos Salmos (45,7; 89,20), em contexto real e três vezes em Crônicas, designando a unção de reis (GRONINGEN,1995, p. 18-19).

Mashah possui quatro acepções teológicas. A primeira se remete à separação para o serviço divino. Em decorrência disso, aumentava a responsabilidade da pessoa ungida. Saul e Davi, por exemplo, são chamados a prestar contas diante de Yahwéh por suas faltas (1 Sm 15,17; 2 Sm 12,7). Em segundo lugar, a unção significa que Deus, mediante seus intermediários, é o agente e que seu ungido deve ser estimado. Conectado com este significado está a capacitação divina, caracterizada muitas vezes pela expressão “o espírito do Senhor se apossou” (1 Sm 10,6ss.; 1Sm 16,13ss.). Por último, a noção e o anelo pelo libertador prometido, um governante justo e repleto do Espírito (cf. Is 9,1-7;11,1-5;61,1) (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.884-885).

Dos termos derivados, o mais insigne é *mashiah*, que tem como correspondente *qutla* em árabe e *mashiha* em aramaico (GRONINGEN, 1995, p.18). “Esta palavra, empregada como adjetivo e substantivo, ocorre cerca de 40 vezes no AT,

basicamente em 1 e 2 Samuel e em Salmos” (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.885)⁴.

Como caracterização geral mais simples, Albert Vincent define Messias como “aquele que recebeu a unção de óleo santo que o consagrava ao serviço de Deus: o rei (Is 10,1), o sacerdote e também o próprio povo de Deus (Zac 4,14; Sl 28 [7],8); o rei do futuro triunfante, do futuro messiânico, o “novo” Davi é o Ungido por excelência” (VINCENT, 1969, p.348). Igualmente Johannes Bauer oferece uma definição simples. “No centro dela [a história salvífica] se encontra o Messias como o definitivo portador da salvação, o qual deverá restaurar a relação entre Deus e a humanidade, destruída pelo pecado, e estabelecer um

⁴ “No Pentateuco o substantivo verbal *mashiah* refere-se quatro vezes a sacerdotes (Lv 4,3.5.16; 6,22). É aplicado a uma pessoa real em 1 e 2 Samuel dezoito vezes; mais da metade dessas passagens tem a expressão *mashiah Yahweh*, “o ungido de Yahweh” (p.ex., 1 Sm 24,6.10). Ocorre duas vezes em Crônicas (1 Cr 16,22; 2 Cr 6,42), dez vezes nos Salmos (p.ex. Sl 2,2) e cinco vezes nos Profetas Posteriores (p.ex. Is 45,1; Hc 3,13). Das últimas dezessete ocorrências quinze seguramente referem-se a um personagem real, humano ou divino (GRONINGEN, 1995, p. 19).

reino de paz e de justiça” (BAUER, 1984, p. 689). Definições um tanto apressadas e superficiais, embora detenham certo valor.

É usual entre os estudiosos bíblicos fazer a distinção entre as concepções ampla e estrita. A primeira abarca vários aspectos tais como promessas de salvação, a obra a ser executada para realizar as promessas, as qualificações, os meios empregados, os alvos estabelecidos, as pessoas necessárias, além do rei, o reino do Messias e o resultado do seu reino (GRONINGEN, 1995, p.20). A segunda, por sua vez, ressalta o papel do rei como o ungido⁵. “Conquanto possa designar uma função, tal como a do sumo sacerdote (Lv 4,3), *mashiah* é quase exclusivamente reservado como sinônimo de ‘rei’ (*melek*), como em textos poéticos, onde é paralelo de ‘rei’ (1 Sm 2,10; 2 Sm 22,51; cf. Sl 2,2; 18,50 [51]; mas cf. Sl 28,8, onde é paralelo de povo).” (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.885).

⁵ Lasor destaca os aspectos régios do messianismo, a saber: a) O Filho de Davi; b) A Dinastia Davídica; c) Os Salmos Reais; d) O Reino Messiânico. (LASOR; HUBBARD; BUSH,1999, p. 749-752).

O relacionamento entre as supramencionadas acepções é alvo de dissenso entre os estudiosos. “O ponto de vista predominante, entretanto, é que tanto cronológica quanto logicamente a concepção estrita é a primeira e básica” (GRONINGEN, 1995, p.20). Porém, segundo Gerard van Groningen, a concepção estrita não faz jus às promessas de redenção espiritual, moral e fisicamente recebidas no Antigo Testamento. A opção pelo ponto de vista crítico, muitas vezes, conduz à negação pertinaz da dimensão ampla do termo.

Van Groningen defende que as concepções ampla e estrita estão intimamente relacionadas. “Os elementos incluídos na concepção ampla são necessários como aspectos que definem, explicam e ilustram a pessoa que é o *mashiah*. Elementos da concepção ampla estão sempre presentes quando o *mashiah* é referido, mesmo quando apresentado de maneira vaga e indefinida.” (GRONINGEN, 1995, p. 22).

Os termos *mashah* e *mashiah* remetem a algumas peculiaridades cuja apresentação é profícua à boa compreensão dos mesmos enquanto: 1) designar, apontar ou eleger; 2)

separar ou consagrar; 3) ordenar ou atribuir autoridade; 4) qualificar ou equipar para o ofício e suas tarefas.

1) Designar, apontar ou eleger: enquanto ato de designação ou eleição em geral, é paradigmática a afirmação de 1 Sm 16,1-13, que narra a escolha de Davi, ungido por Samuel. Outros textos, igualmente do contexto da realeza, também possuem o mesmo significado. Em 1 Sm 10,1 há a unção de Saul como rei. Davi é declarado rei de Judá mediante unção (2 Sm 2,4.7) e sobre todo Israel (2 Sm 5,3.17). Salomão é apontado como o sucessor de Davi (1 Rs 1,34-35) (GRONINGEN, 1995, p.22-23). Há indicação, em 1 Rs 19,16-21, de que um profeta teria sido ungido, quando Elias recebe do Senhor a ordem de ungir Eliseu. “Esta informação devia ser especificamente comunicada por palavra e pelo ato de lançar seu manto sobre Eliseu (v.19; 2 Rs 2,13-14)” (GRONINGEN,1995, p.23). Sacerdotes também eram designados através do ato da unção, por exemplo, Aarão e seus filhos em Ex 29,7; 40,13. “Finalmente, em Is 61,1-3 o apontamento do grande servo ministrante é indicado pela frase ‘o Senhor me ungiu’”

(GRONINGEN, 1995, p. 23). A unção sempre indica eleição por parte de Deus.

2) Separar ou consagrar: quando a pessoa recebia a unção era segregada, consagrada ao Senhor. “Um laço específico era estabelecido com Deus, na separação dos homens e mulheres, em geral, e dos aspectos comuns da vida, em particular.” (GRONINGEN, 1995, p. 24). Modalidades deste tipo são a unção dos sacerdotes⁶, de locais sagrados, e objetos destinados ao culto⁷. Gerard van Groningen apresenta o ato da unção como uma prática anterior a Davi, haja vista o seu significado teológico tão desenvolvido (GRONINGEN, 1995, p.25). Ser ungido significava também ser alvo de especial cuidado do Senhor⁸.

3) Ordenar ou atribuir autoridade: a unção também habilitava e destinava algumas pessoas para tarefas específicas,

⁶ Ver Ex 29,1-37 o ritual de unção dos sacerdotes.

⁷ Ver Ex 40, 9-11; Lv 8,10-11; Nm 7,10-11.

⁸ Sobre o mandamento de não tocar no ungido do Senhor (faze-lhe mal) cf. 1 Cr 16,22; Sl 105,15, entre outros.

tais como a realeza⁹, o sacerdócio¹⁰, a profecia¹¹. “Ao que é ungido é dado o direito, a capacidade e a autoridade para agir no exercício de sua função.” (GRONINGEN, 1995, p.25).

4) Qualificar ou equipar para o ofício e suas tarefas: é muito importante lembrar que a unção no Antigo Testamento sempre tem como substrato a real incapacidade dos escolhidos para o exercício da autoridade, os quais passam a haurir forças, capacidade e autoridade da unção e assistência de Deus. O Espírito concede qualificações ao eleito, como a Saul em 1 Sm 10,6. “Entretanto, quando o Espírito se retirou dele (1 Sm 16,14), embora ele ainda permanecesse em posição de autoridade, não mais estava qualificado, segundo as exigências do Senhor, para servir como rei” (GRONINGEN, 1995, p.27). Igualmente os sacerdotes, após a purificação, através da unção eram habilitados a mediar o relacionamento entre Deus e os homens.

⁹ Ver 1 Sm 10,1; 15,1.17; 24,4-16; 26,7-20.

¹⁰ Ver Ex 30,30; 40,13.15; 28,41; Nm 3,3.

¹¹ Ver 1 Rs 19,19-21; 2 Rs 3,9-14.

Isaías deu tom forte a esta ideia ao falar da capacitação do profeta, em Is 61,1-3, para sua missão.

O óleo empregado na unção, designado em hebraico por *semen* ou *samen*¹², tem uma composição que nem sempre é deixada às claras. Ex 30,22-28 pode dar uma pista sobre os elementos empregados: especiarias, mirra, cinamomo, cálamo, cássia e azeite de oliveira (GRONINGEN, 1995, p.27). Mais importante que o seu processo de composição é sua significação. Gerard van Groningen enumera sete significados simbólicos básicos do óleo. Em primeiro lugar, a prosperidade, plenitude e abundância para o povo que habita a Terra Prometida (Dt 8,8), o deserto (Dt 32,13) ou nas montanhas (Is 25,6; 28,1). Em segundo lugar, designa poder, capacidade, eficiência¹³. Designava também a fonte de luz para o tabernáculo e o candelabro (Ex 25,6; 35,8.14.28; Nm 4,9). Em quarto lugar, na alimentação, o óleo tornava aprazíveis os alimentos (1 Rs 17,12; Ex 29,2.23; Nm 7,13.19.25.37). Em relação

¹² Ver Gn 49,20; Nm 13,20; 1Cr 4,40.

¹³ Ver 2 Sm 1,21; Sl 92,10; Ez 32,14.

ao cuidado com o corpo, o óleo representava saúde e beleza (Sl 55,21; 109,18; 104,15; Is 6,1; Ez 16,9; Ct 4,10). Também era um elemento prescrito nos sacrifícios, representando a saúde de uma pessoa (Lv 2,4.5;7,10.12; 9,4; 14,12). Por fim, simbolizava fonte de alegria e regozijo (Sl 23,5; 45,8; Pv 27,9) (GRONINGEN, 1995, p.28).

A aplicação do óleo na pessoa eleita era comumente feita por derramamento, todavia, há registros de aspensão sobre um objeto e de esfregamento (GRONINGEN, 1995, p.29)¹⁴.

Antes de passar adiante, uma rápida observação, o povo eleito da Aliança também era designado como ungido. “O termo ungido é equivalente ao povo escolhido da aliança, escolhido por Deus e chamado para ser o povo santo, sacerdócio real (Ex 19,5-6), servindo como o povo mediador de Deus entre todos os povos e nações da terra (Gn 12,3)” (GRONINGEN, 1995, p.30). Entretanto, a maior concentração da palavra se remete à designação pessoal.

¹⁴ Ver 2 Sm 1,21; Is 21,5; Lv 2,4; 7,12.

Como se pôde perceber, os ofícios de sacerdote, profeta e rei são as modalidades mais insignes para as quais o ato de unção é utilizado. Aqui não será feita uma exposição exaustiva acerca das peculiaridades dessas designações, mas se buscará dar destaque à interdependência dessas funções. “A obra do rei era intimamente relacionada com a do profeta. Todo o seu trabalho tinha de ser motivado, dirigido e avaliado segundo a revelação divina que o profeta proclamava” (GRONINGEN, 1995, p.35). E o sacerdote, intimamente ligado, cuidava do aspecto sacrificial, com especial efeito de libertação do mal. Assim, a redução da noção de Messias à realeza, segundo Van Groningen, é incorreta a partir da observação textual.

2. A CENTRALIDADE DO CONCEITO DE MESSIAS NA SAGRADA ESCRITURA

Após esta exposição etimológica e teológica do termo Messias se retomará a afirmação feita por Jean-Yves Lacoste sobre o desencanto da crítica contemporânea em relação ao tema do messianismo. Embora a situação do tema considerado

tenha levantado sérios problemas para os estudiosos, autores como Johannes Bauer, Estêvão Bettencourt e John Barton consideram-no como tema de capital importância para a teologia do Antigo Testamento. Bauer afirma que “esta espera de um mediador pessoal da salvação constitui o tema do messianismo bíblico no sentido estrito e próprio e é a espinha dorsal do Antigo Testamento” (BAUER, 1984, p.689). Estêvão Bettencourt considera a revelação do Messias como a artéria central da Sagrada Escritura (BETTENCOURT, 1956, p.94). Mais cauteloso, John Barton, vê no messianismo apenas um tema importante dentro da teologia do Antigo Testamento, pois manifesta a crença enraizada em Israel acerca da visceral ligação e Deus com o povo e suas instituições (BARTON in DAY, 2005, p.390-391). Barton analisa textos utilizados na fundamentação messiânica e conclui que o messianismo se afastou dos mesmos e, simultaneamente, desenvolveu linhas de pensamento latentes nesses, como num circuito de retroalimentação (BARTON in DAY, 2005, p.393). Isso viabiliza a conclusão de que, apesar de sua pequena incidência

quantitativa nominal, portas são abertas ao messianismo através das noções de aliança e da promessa.

A base do conceito messiânico em Israel tem como primeiro alicerce a peculiar concepção de história semítica uma vez que não adota nem o esquema cíclico mesopotâmico-cananeu muito menos o esquema dualista persa. “O caráter único do messianismo hebraico surge da concepção bíblica linear da história como processo que se move em direção a um termo final. E esse termo é o Reino de Yahweh” (MCKENZIE, 1984, p.606).

Muitos autores¹⁵ defendem a realeza¹⁶ como modelo paradigmático do messianismo em Israel. “O messianismo bíblico tem sua fonte na realeza, em particular a de Davi, designado como ‘o ungido de Javé (cf. 1 Sm 16; 2Sm 5,3).”

¹⁵ Por exemplo Jean-Yves Lacoste e Xavier León-Dufour.

¹⁶ “A ideia messiânica, que recobra uma intensidade nova, fala, por suposto, do príncipe da paz sem pecado, que elimina da terra toda treva; porém, o príncipe de salvação aparece considerado, sobretudo, como rei do seu país e administrador das bênçãos messiânicas e, inclusive, seu antigo caráter militar volta a reviver de vez em quando.” (EICHRODT, 1975, p. 447). (tradução nossa).

(LACOSTE, p.1125). Este fator convergiu com a teologia da aliança, de modo a se prestarem mútuo apoio¹⁷.

Na contramão desta perspectiva, Johannes Bauer e Gerard van Groningen optam por situar a perspectiva messiânica num horizonte maior. Em primeiro lugar, porque a realeza muitas vezes foi infiel à Aliança e aos deveres comissionados por Yahweh. Igualmente a festa da entronização de Yahweh, segundo Bauer, não justifica a espera de um Messias (BAUER, 1984, p.689). Por isso, afirma que “[...] a ideia de Deus, específica de Israel, e a sua fé na prontidão de Javé em sempre auxiliar, podem ter favorecido e contribuído para elaborar a esperança messiânica bíblica, mas não pode ser o seu fundamento último. Esta esperança se reduz, em última análise, a uma revelação de Deus mesmo” (BAUER, 1984, p.689-690). Gerard van Groningen, como fora citado alhures, acredita na inter-relação das três tipologias¹⁸ para uma equilibrada caracterização do Messias. Gerard contempla a figura

¹⁷ Ver 2Sm 7,1-17.

¹⁸ Sacerdote, rei e profeta.

messiânica em relação com a unidade da Sagrada Escritura em sua natureza factual, com a revelação que tem em Deus sua fonte, com a mensagem unificada de que a Bíblia é portadora e na inspiração do Espírito Santo conferida aos hagiógrafos.

3. PRINCIPAIS TEXTOS ESCRITURÍSTICOS SOBRE O MESSIAS

Os principais textos escriturísticos passíveis de interpretação messiânica serão apresentados, de maneira breve, a seguir. Seguindo a ordem canônica, Gn 3,14ss, também chamado Proto-Evangelho, promete um descendente de Eva que irá esmagar a cabeça da serpente. (BAUER, 1984, p.690). Ainda em Gênesis, a bênção de Noé, em 9,24, proclama a salvação para o mundo a partir de Sem. As bênçãos dos Patriarcas (12,1-3;13,15-17;17,1-8;22,15-18;26,2-5.24;28,1-4.13-15;35,9-12;48,3-4) são messiânicas em sentido amplo pois se referem à terra prometida e à constituição de Israel como povo (MCKENZIE, 1984, p.606). Também a profecia de Balaão (Nm 24,15-19) anuncia um príncipe de Jacó que conquistará Moab.

No período da monarquia, especialmente com Davi, a realeza confere certo impulso ao ideal messiânico. O texto de 2 Sm 7,13-16, a profecia de Natã, fixou a esperança de Israel na dinastia davídica que, em última análise, apesar dos insucessos, chega até o Messias (BAUER, 1984, p. 690).

Os salmos reais enfatizam esta aliança eterna de Yahweh para com a realeza. “Os salmos anteriores ao exílio colocam em evidência o posto deste Messias régio na vida da fé de Israel.” (LEÓN-DUFOUR, 1965, p. 463). Como exemplos, pode-se citar Sl 2; 18,51; 20,7;22; 28,8; 45,8; 84,10;110; 132.

Os profetas pré-exílicos¹⁹, iniciando com Am 9,11-15, anunciam que Yahweh reerguerá novamente a tenda de Davi e instaurará um reino universal com abundância de bênçãos. Os 3,5 fala da busca de Israel por Davi e do reconhecimento de sua realeza (BAUER, 1984, p.691). Igualmente Mq 5,1-5 anuncia a vinda de um rei oriundo de Belém, cidade de Davi. Isaías apresenta o Messias como: o Renovo de Yahwéh (4,2), a Santa

¹⁹ Amós, Oséias, Isaías e Miquéias.

Semente (6,13), o Emanuel (Is 7,10-16), o Príncipe da Paz (9,6), o Rebento de Jessé (Is 11,1-16), o Servo Sofredor e Redentor (Is 40,1-52,12).

Com a queda de Jerusalém, o messianismo real é posto em xeque. Este período de grande crise é refletido, por exemplo, em Lm, Sl 89,39.52;137.

Os profetas exílicos e pós-exílicos, Jr 23,6.45; 31,21 apresentam um Messias mais sóbrio, porém revestido de dignidade sacerdotal. O Messias “[...] trará um conhecimento puro de Deus e o perdão dos pecados (Jer 31,31-34)” (BAUER, 1984, p. 692). Abdias amplia a teocracia de Israel (Ab 1,21). Sofonias, tratando do julgamento moral da humanidade, mantém a esperança da salvação (Sf 3,9-17) (BAUER, 1984, p.693). Ezequiel, referindo-se à decadência da dinastia davídica com Jeconias, afirma que Yahweh suscitará um descendente digno, aludindo a Gn 49,10, em Ez 21,32 (MCKENZIE, 1984, p. 607). Ageu e Zacarias (Ag 2,20ss.; Zc 6,9ss.) alimentam a esperança da restauração com Zorobabel, todavia, ela não acontece como o esperado.

Aos poucos, com o desaparecimento da realeza, o messianismo vai ganhando matizes escatológicos, sendo deslocado para um futuro indeterminado. “Já latente no m. pré-exílico, que concebia uma figura histórica ideal, esse m. escatológico desabrocha durante o exílio e depois dele, sem que por isso sejam definidos os prazos desse acontecimento.” (LACOSTE, 2004, p.1126). Em Daniel, ganha espaço a ideia da história universal como a história do Reino de Deus (Dn 2,44). O soberano deste mundo é o Filho do Homem (7,13). Do mesmo modo, a profecia das setenta semanas (9,24-27) possui tom messiânico. Joel trata do derramamento do Espírito de Deus (Jl 3,2) para a renovação moral do mundo (BAUER, 1984, p.695).

Crônicas traz novamente o messianismo davídico. Na literatura sapiencial são citados os dons do Espírito, próprios do Messias (Pr 8, 22-31; Sb 7,22-8,1; Eclo 24,3-6) (BAUER, 1984, p.696).²⁰

²⁰Outros textos: 1 Mc 2,57; Tob 23,10-18;14,5-7; Eclo 35,22-25; 36,7-18 e 2 Mc 2,18.

Com a transição para a escatologia, o messianismo ganhou diferentes faces nem sempre conciliáveis. Nos livros apócrifos se percebe a presença de um messianismo totalmente secularizado, centrado na esperança de um império judaico político. Quando isso acontecer, então se dará o fim do mundo. Concepções milenaristas também encontram na noção messiânica um fértil terreno para seu desenvolvimento, chegando a ser partilhadas pelos primeiros cristãos. Com a usurpação do sacerdócio pelos hasmoneus, alguns grupos sectários canalizam suas esperanças para a vinda de dois Messias, um rei davídico e outro sacerdotal.

4. O CONCEITO MESSIÂNICO NA LITERATURA EXTRA BÍBLICA

Após está concisa, mas não exaustiva explanação acerca do desenvolvimento da ideia messiânica em Israel, faz-se necessário, ainda que em breves acenos, tratar da possível existência do conceito messiânico na literatura extrabíblica.

O ponto de convergência para tal paralelo é justamente a monarquia, o conceito de realeza. Em torno a este tema de pesquisa se desenvolveram três escolas com linhas de pensamento distintas: a) A escola da realeza divina que dá ênfase ao caráter divino do rei, que reina no presente ou no futuro; b) A escola da realeza sacra que sublinha o aspecto cúltico-litúrgico do rei; c) A escola da realeza escatológica, que realça o rei vindouro num futuro distante ou no fim dos tempos a fim de estabelecer uma era perfeita (GRONINGEN, 1995, p.37). Do grande trabalho destas escolas, pôde-se esboçar uma linha progressiva do messianismo, que contempla as seguintes etapas: Davi – Profetas – Messianismo eclesiástico – Messianismo apocalíptico – Messianismo de Jesus no Novo Testamento (GRONINGEN, 1995, p.38-39).

Em linhas gerais, a análise dos textos do Oriente Médio aponta para uma ligeira semelhança formal com textos egípcios, mesopotâmicos, hititas e cananeus. Assim, os mitos de origem, da criação pelo deus Atom, a Nomeação Divina de Tutmés III guarda semelhanças com 1Sm 9,15-16, as

Admoestações de Ipu-wer com 2Sm 7,12-16 (GRONINGEN, 1995, p. 40-43). Todavia, “[...] tais concepções egípcias de deidade, criação, vida, morte e libertação são totalmente diferentes da ideia bíblica” (GRONINGEN, 1995, p.43). Dos textos mesopotâmicos, o mais insigne para esta consideração é a *Coroação Ritual em Erech*, o qual trata de um ritual de coroação assírio com possível ato de unção. No mais, as concepções mesopotâmicas são diametralmente opostas às israelitas no referente à cosmogonia e cosmologia, deidade e antropologia. Os hititas possuíam mais de mil deidades. Deles somente restaram tratados de suserania, que nada falam de um Messias. Por fim, os textos cananeus, que são utilizados como principal argumento para a transmissão da bagagem cultural dos povos vizinhos para Israel. Deve-se reconhecer que existem similaridades entre o material cananeu e o bíblico. Contudo, a noção messiânica nos moldes israelitas inexistente aqui (GRONINGEN, 1995, p. 49-51).

No cenário contemporâneo, como fora dito na introdução deste ponto, pouco material tem sido produzido em

relação à pesquisa sobre o messianismo bíblico. As perspectivas de análise dos autores que se arriscam neste campo podem ser agrupadas em quatro categorias.

- 1) Fórmula Real-Divina: os principais representantes são Engnell, Mowinckel, Von Rad, Eichrodt e John Bright. Engnell, baseado na crítica da forma e da redação, defende que Israel tomou a fórmula real-divina da mitologia pagã. Mowinckel determina o modelo cananeu. Von Rad fala de uma idealização do rei. Walter Eichrodt levanta a hipótese de transposição de significado pelos profetas das figuras mitológicas. John Bright centra esta esperança messiânica no reino de Israel (GRONINGEN, 1995, p.81-83).
- 2) Método Disjuntivo Radical: tem como representantes J. L. Mackenzie, J. Klausner e Yehezkel Kaufmann. Adotam como pressuposto a separação entre as figuras e instituições do Antigo Testamento e Jesus. Kaufmann coloca Israel como o Messias destinado a reunir todas as nações no Reino de Deus (GRONINGEN, 1995, p.83-84).
- 3) Método Cristológico: seus expoentes são W. Vischer e A. G. Hebert. Abordam o Antigo Testamento como testemunha

de Cristo. Jesus Cristo é quem conduz o messianismo ao seu pleno significado (GRONINGEN, 1995, p.84-86).

- 4) Abordagem Profética Histórico-Redentiva: dela fazem parte Geerhardus, Martin J. Wyngaarden, J. Schelhaas, J. Barton Paine, R. Campbell, Paul Heinisch e A. W. Kac. Defendem a centralidade da profecia preditiva, a conexão entre as promessas do Antigo Testamento e sua realização em Jesus Cristo (GRONINGEN, 1995, p.87-88).

5. APONTAMENTOS SOBRE “PROFECIA MESSIÂNICA”

Por último, fazem-se necessárias ainda algumas palavras acerca da profecia messiânica²¹, embora o tema já tenha sido em grande parte exposto e sistematizado.

Em primeiro lugar, é importante dar uma caracterização, embora geral, do sujeito encarregado da profecia. Profeta é um

²¹ “A profecia messiânica não é simplesmente ‘uma história escrita de antemão’. Por mais que ela estivesse relacionada com o Messias do futuro, também encerrava um sentido aplicável à época em que foi dada. Não podemos, portanto, tratar a profecia bíblica como uma predição intemporal dos dias do Messias.” (LASOR; HUBBARD; BUSH,1999, p. 746-747).

adjetivo derivado do grego *prophetes* que, literalmente, significa “alguém que fala diante dos outros” (MCKENZIE, p.742). Este termo tem como raiz hebraica *nabî* que possivelmente tenha conexão com o acádico *nabû*, com o sentido de chamar (BAUER, 1984, p.909). Outros termos para designar o profeta são *rô'eh*²² (vidente), *hôzeh*²³ (contemplador) e homem de Deus²⁴. Trata-se de homens escolhidos por Deus para “dizer unicamente aquilo que Deus lhes inspira, o que acarreta graves responsabilidades (Jr 20,7-18). Por eles Deus dirige seu povo (Dt 18,15-22), são o elemento dinâmico da religião” (VINCENT, 1969, p.408). O profetismo hebraico tem sua gênese por volta do século X a.C.²⁵ e vai perdendo força no período pós-exílico até seu desaparecimento.

Dentre as faculdades próprias do profeta, a predição do futuro por revelação divina é a que tem causado acalorados

²² Ver 1Sm 9,11.

²³ Ver Am 7,12 e Is 30,10.

²⁴ Ver 1Sm 2,27;9,6; 2Rs 17,18; 2 Rs 4,9.

²⁵ Se bem que, por retrojeção, Abraão, Aarão, Moisés, Mírian igualmente sejam considerados.

debates.²⁶ Opiniões divergentes oscilam desde o mais exacerbado alegorismo até a negação da capacidade preditiva, relegando o profeta ao status de mero pensador de seu tempo. Dentre os autores que estão sendo constantemente citados neste trabalho, Bauer, León-Dufour, van Groningen, von Rad e Vincent admitem a profecia preditiva enquanto Lacoste e McKenzie a negam.

Bauer defende, baseado em 1 Rs 20,35-42 a possibilidade da concessão de verdadeiras revelações por Deus, revelações estas que transcendem as capacidades de um ser humano comum (BAUER, 1984, p.910). Xavier León-Dufour fala que as palavras proféticas, embora possam ter uma realização em médio prazo, estão sempre orientadas para o hoje definitivo, seu pleno cumprimento (LEÓN-DUFOUR, 1965, p.645-646). Gerard van Groningen, sem mais, afirma que “toda profecia

²⁶ “Ao interpretarem a história segundo o plano divino, os profetas não usaram um método racional a seu bel-prazer; só em certos momentos de maior tensão se arrogaram o direito de explicar a história, com base em inspirações sobre as quais não fornecem informações”. (VON RAD, 1974, p. 154).

bíblica é revelação porque tem sua fonte última em Deus” (GRONINGEN, 1995, p.66). Em outras palavras, Deus é o agente que se revela ao profeta. Não está condicionado à acuidade das capacidades humanas. Por isso, Ele pode revelar aquilo que lhe apraz ao seu comissionado. “Dito em duas palavras: isso somente pode ser o dom de uma iluminação, de uma revelação especial que Deus mesmo concede.” (VON RAD, 1974, p.210). Albert Vincent, por sua vez, afirma que os profetas recebem dons preternaturais²⁷ de clarividência (VINCENT, 1969, p.408). “Se as predições específicas são sempre suspeitas, então toda a mensagem profética, até onde se supõe comunicar verdades eternas, é suspeita.” (OSWALT, 2011, p.71).

No lado oposto, Jean-Yves Lacoste caracteriza o profeta como um grande pensador social de seu tempo. Não admite uma revelação especial. “A revelação de Deus consiste em fazer o p. ver e ouvir o que voluntariamente é ignorado, em fazê-lo

²⁷ Dons extraordinários concedidos por Deus a alguns homens e que são comuns à natureza dos anjos. Neste caso, trata-se de acurado conhecimento e visão do futuro.

sentir o quanto tais atos são opostos à vontade divina.” (LACOSTE, 2004, p.1433). John McKenzie igualmente considera errônea a noção de predição. “Cumprimento é algo mais do que a atuação de um fato previsto: é a realização de uma esperança, de um destino, de um plano, de uma realidade.” (MCKENZIE, 1984, p.746).

A profecia messiânica, em linhas gerais, é aquela que tem como foco (isso pode parecer redundância) a pessoa do Messias bem como o seu reinado messiânico. Em sentido amplo, pode ser “qualquer passagem que ligue o presente aos propósitos últimos de Deus” (LASOR, 1999, p.748). É importante ainda dizer que a profecia messiânica se distingue das modalidades de profecia soteriológica, escatológica e apocalíptica, embora a linha que as distingue seja bem tênue.

REFERENCIAS

BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1984. v.2.

BETTENCOURT, Estêvão. **Para entender o Antigo Testamento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.

CANFORA, Giovanni. **Il Messaggio della Salvezza: Antico Testamento dalle origini all'esilio**. 4. ed. Torino: Elle di ci, 1965. v. 2.

CAZELLES, Henri. **Introducción crítica al Antigo Testamento**. Barcelona: Herder, 1989.

DAY, John (Org.). **Rei e messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

EICHRDODT, Walther. **Teologia del Antigo Testamento I: Dios y Pueblo**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

GRONINGEN, Gerard Van. **Revelação messiânica no Velho Testamento**. 1. ed. Campinas: Luz para o caminho, 1995.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KORNDORFER, Geraldo; SCHLUPP, Walter O. (Orgs.) **Profetismo: coletânea de estudos**. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. 1. ed. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEÓN-DUFOUR, Xavier. **Vocabulario de Teología Bíblica**. 1. ed. Barcelona: Herder, 1965.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

OSWALT, John. **Isaías: Capítulos 1 a 39**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.v. 1.

SICRE, José L. **De Davi do Messias: textos básicos da esperança messiânica**. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VINCENT, Albert. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1969.

VON RAD, Gerhard. **La acción de Dios en Israel: ensayos sobre el Antiguo Testamento**. 1. ed. Madrid: Editorial Trotta, 1996.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Aste, 1974. v. 2.